

06/03/2018

SEGUNDA TURMA

RECURSO ORDINÁRIO EM HABEAS CORPUS 146.303 RIO DE JANEIRO

V O T O

O SENHOR MINISTRO CELSO DE MELLO: O ora recorrente, que é Pastor da Igreja Pentecostal Geração Jesus Cristo, foi condenado pela prática do delito **tipificado** no art. 20, “caput” e respectivo § 2º, da Lei nº 7.716/89.

A **condenação penal** a ele imposta **foi motivada**, entre as diversas condutas nas quais **incidiu**, **pela incitação** ao ódio religioso, **pela pregação** do fim das Igrejas da Assembleia de Deus, **pela promoção** da intolerância religiosa contra judeus, **pela prática** da iconoclastia, **pela propagação** de mentiras contra outras denominações confessionais, sob cuja égide os respectivos fiéis **seriam** estuprados e violentados, **e** pela desqualificação da religião muçulmana, **a que atribuiu**, em clara manifestação islamofóbica, a condição de “religião assassina”.

Cabe registrar o fato de que o E. Superior Tribunal de Justiça, no acórdão objeto **do presente** recurso ordinário, **ao examinar** os aspectos que venho de referir, **reconheceu**, a partir **do próprio teor** da sentença condenatória, “que as condutas **atribuídas** ao paciente e ao corréu **eram direcionadas contra várias religiões** (católica, judaica, espírita, satânica, wicca, islâmica, umbandista e, até mesmo, contra outras denominações da religião evangélica), **pregando**, inclusive, **o fim de algumas delas e imputando fatos criminosos e ofensivos** aos seus devotos e sacerdotes, como assassinato, homossexualismo, prostituição, roubo, furto, manipulação, ‘et cetera’” (grifei).

O exame dos fundamentos em que se apoia o presente recurso ordinário **requer** algumas considerações preliminares **e impõe** necessárias

RHC 146303 / RJ

reflexões prévias **em torno da grave questão** que esta Suprema Corte é chamada agora a apreciar.

A intolerância e as práticas discriminatórias dela resultantes, motivadas por impulsos irracionais, especialmente quando dirigidas contra grupos minoritários, representam um gravíssimo desafio que se oferece à sociedade civil e a todas as instâncias de poder situadas no âmbito do aparelho de Estado, com particular destaque para o Supremo Tribunal Federal.

Regimes democráticos **não convivem** com práticas de intolerância **ou, até mesmo,** com comportamentos de ódio, **pois** uma de suas características essenciais **reside, fundamentalmente, no pluralismo** de ideias **e na diversidade** de visões de mundo, **em ordem a viabilizar, no contexto de uma dada formação social, uma comunidade inclusiva** de cidadãos, **que se sintam livres e protegidos** contra ações estatais (*ou particulares*) **que lhes restrinjam os direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção política ou filosófica.**

Vê-se, portanto, que a intolerância, que traduz a antítese da ideia de respeito à alteridade, transgride, de modo frontal, valores básicos, como a dignidade da pessoa humana **e o próprio significado da noção de pluralismo (CF, art. 1º, III e V), que compõem, enquanto fundamentos estruturantes que são, o próprio** conceito de Estado Democrático de Direito.

O que se mostra irrecusável, presente essa configuração da ordem democrática, é o fato de que a observância desses padrões constitucionais, **notadamente o veto absoluto a qualquer discriminação atentatória** aos direitos e liberdades fundamentais (CF, art. 5º, XLI), **representa** fator essencial à preservação e consolidação de uma sociedade política aberta e plural.

RHC 146303 / RJ

Nesse contexto, Senhor Presidente, **emerge**, como significativo valor que dá expressão às prerrogativas político-jurídicas reconhecidas **em favor** do indivíduo, **a liberdade** de manifestação de pensamento, **que se qualifica como um dos mais preciosos privilégios dos cidadãos em uma República** que se apresente **estruturada** em bases democráticas **e regida, por isso mesmo, pelo princípio fundamental** do pluralismo.

Tenho sempre enfatizado, nesta Corte, que **nada** se revela *mais* nocivo e *mais* perigoso do que a pretensão do Estado **ou** de grupos majoritários de reprimir ou de cercear a liberdade de expressão, **inclusive em matéria confessional. É importante reconhecer** que o exercício do **direito fundamental à livre manifestação do pensamento, notadamente no campo da liberdade religiosa, compreende** a prerrogativa **de expor** ideias, **de oferecer** propostas doutrinárias **ou de apresentar** formulações teológicas, **mesmo** que a maioria da coletividade as repudie, **pois, nesse tema, o pensamento há de ser livre, permanentemente livre, essencialmente livre.**

Inquestionável, desse modo, que a liberdade religiosa **qualifica-se** como pressuposto essencial e necessário **à prática** do regime democrático. **A livre** expressão de ideias, pensamentos e convicções, *em sede confessional, não pode e não deve ser impedida* pelo Poder Público **ou** por grupos antagônicos **nem pode ser submetida** a ilícitas interferências do Estado, de qualquer cidadão **ou, ainda, de instituições da sociedade civil.**

Ninguém, ainda que investido de autoridade estatal, pode prescrever **o que será ortodoxo** em política – **ou** em outras questões que envolvam temas de natureza filosófica, jurídica, social, ideológica *ou confessional* – **ou** estabelecer padrões de conduta cuja observância implique restrição à própria manifestação do pensamento. **Isso** porque “o direito de pensar, falar e escrever livremente, sem censura, sem restrições ou sem interferência governamental” **representa**, conforme **adverte** HUGO LAFAYETTE BLACK, **que integrou** a Suprema Corte dos Estados Unidos da América

RHC 146303 / RJ

(1937-1971), “o mais precioso privilégio dos cidadãos...” (“Crença na Constituição”, p. 63, 1970, Forense).

Resulta claro, pois, que o tratamento constitucional dispensado, *entre outras prerrogativas fundamentais da pessoa*, à liberdade religiosa **deslegitima** qualquer medida individual **ou** governamental de intolerância **e** de desrespeito ao princípio básico **que consagra** o pluralismo de ideias.

Importante lembrar, ante o relevo de suas observações, **a afirmação** de NORBERTO BOBBIO (“Elogio da Serenidade e Outros Escritos Morais”, p. 149/155, 2000, UNESP) **no ponto** em que esse notável pensador italiano **registra** que “A ideia de tolerância nasceu e se desenvolveu no terreno das controvérsias religiosas” **e deu suporte**, a partir do reconhecimento da liberdade religiosa, à **formação dos Estados não confessionais**, **dando origem**, como natural consequência desse processo, **ao surgimento do espírito laico**, “como aquele modo de pensar que confia o destino do ‘regnum hominis’ mais à razão crítica que aos impulsos da fé”, **assim forjando**, com apoio no princípio da tolerância, “o respeito pela consciência alheia”, **na medida em que** o princípio da liberdade de religião **significa** o direito **não só** “daqueles que professam uma religião, mas também daqueles que não professam nenhuma”.

Sabemos que a liberdade de manifestação do pensamento, **revestida** de essencial transitividade, **destina-se** a proteger qualquer pessoa cujas opiniões **possam, até mesmo, conflitar** com as concepções prevaletentes, em determinado momento histórico, no meio social, **impedindo** que incida sobre ela, por conta **e** por efeito de suas convicções, **não obstante minoritárias**, **qualquer** tipo de restrição de índole política **ou** de natureza jurídica, **pois todos não são igualmente livres para exprimir ideias**, **ainda que estas** possam revelar-se **em desconformidade frontal com a linha** de pensamento dominante no âmbito da coletividade.

RHC 146303 / RJ

As ideias, ninguém o desconhece, podem ser fecundas, libertadoras, transformadoras ou, até mesmo, revolucionárias e subversivas, provocando mudanças, superando imobilismos e rompendo paradigmas até então estabelecidos nas formações sociais.

É por isso que se impõe construir espaços de liberdade, em tudo compatíveis com o sentido democrático que anima nossas instituições políticas, jurídicas e sociais, para que o pensamento, inclusive o pensamento religioso, não seja reprimido e, o que se mostra fundamental, para que as ideias possam florescer, sem indevidas restrições, em um ambiente de plena tolerância, que, longe de sufocar opiniões divergentes, legitime a instauração do dissenso e viabilize, pelo conteúdo argumentativo do discurso fundado em convicções antagônicas, a concretização de valores essenciais à configuração do Estado Democrático de Direito: o respeito ao pluralismo e à tolerância.

Mostra-se relevante destacar, considerado o valor incomparável da tolerância, a proclamação aprovada, em 1995, pela Conferência Geral da UNESCO (“Declaração de Princípios sobre a Tolerância”), que a define como “a harmonia na diferença” e como “o sustentáculo dos direitos humanos, do pluralismo (inclusive o pluralismo cultural), da democracia e do Estado de Direito”, ao mesmo tempo em que adverte que “praticar a tolerância não significa (...) renunciar às próprias convicções”, traduzindo, ao contrário, um dos efeitos virtuosos dessa atitude positiva em face de terceiros, o que estimulará, naturalmente, a aceitação e o respeito pela diversidade das pessoas e pela multiculturalidade dos povos, assim evitando que irrompam, no seio das formações sociais, a exclusão, a marginalização, a violência e a discriminação contra os grupos vulneráveis.

Daí a essencialidade de propiciar-se a livre circulação de ideias, particularmente no plano das formulações de índole confessional, eis que tal prerrogativa individual representa um signo inerente às formações

RHC 146303 / RJ

democráticas **que convivem** com a diversidade, vale dizer, com pensamentos antagônicos que se contrapõem, em permanente movimento dialético, a padrões, convicções e opiniões que exprimem, em dado momento histórico-cultural, o “mainstream”, **ou seja, a corrente dominante** em determinada sociedade.

Irrecusável, contudo, que o direito de dissentir, que constitui irradiação das liberdades do pensamento, não obstante a sua extração eminentemente constitucional, **deslegitima-se** quando a sua exteriorização **atingir, lesionando-os, valores e bens jurídicos postos sob a imediata tutela da ordem constitucional, como sucede** com o direito de terceiros à incolumidade de seu patrimônio moral.

É por tal razão que a incitação ao ódio público contra qualquer pessoa, povo ou grupo social **não está protegida** pela cláusula constitucional **que assegura a liberdade de expressão**.

Cabe lembrar, neste ponto, **a própria** Convenção Americana sobre Direitos Humanos (Pacto de São José da Costa Rica), cujo Art. 13, § 5º, **exclui do âmbito de proteção da liberdade de manifestação do pensamento** “*toda propaganda a favor da guerra, bem como toda apologia ao ódio nacional, racial ou religioso que constitua incitação à discriminação, à hostilidade, ao crime ou à violência*” (grifei).

Bastante expressiva, também, a esse respeito, foi a decisão que o Plenário do Supremo Tribunal Federal **proferiu, por unanimidade, no julgamento da ADPF 187/DF, de que fui Relator**, que restou consubstanciado, no ponto ora em exame, em acórdão assim ementado:

“(…) **A LIBERDADE DE EXPRESSÃO COMO UM DOS MAIS PRECIOSOS PRIVILÉGIOS DOS CIDADÃOS EM UMA REPÚBLICA FUNDADA EM BASES DEMOCRÁTICAS – O DIREITO À LIVRE MANIFESTAÇÃO DO PENSAMENTO:**

RHC 146303 / RJ

NÚCLEO DE QUE SE IRRADIAM OS DIREITOS DE CRÍTICA, DE PROTESTO, DE DISCORDÂNCIA E DE LIVRE CIRCULAÇÃO DE IDEIAS – (...) – DISCUSSÃO QUE DEVE SER REALIZADA DE FORMA RACIONAL, COM RESPEITO ENTRE INTERLOCUTORES E SEM POSSIBILIDADE LEGÍTIMA DE REPRESSÃO ESTATAL, AINDA QUE AS IDEIAS PROPOSTAS POSSAM SER CONSIDERADAS, PELA MAIORIA, ESTRANHAS, INSUPORTÁVEIS, EXTRAVAGANTES, AUDACIOSAS OU INACEITÁVEIS – O SENTIDO DE ALTERIDADE DO DIREITO À LIVRE EXPRESSÃO E O RESPEITO ÀS IDEIAS QUE CONFLITEM COM O PENSAMENTO E OS VALORES DOMINANTES NO MEIO SOCIAL – CARÁTER NÃO ABSOLUTO DE REFERIDA LIBERDADE FUNDAMENTAL (CE, art. 5º, incisos IV, V e X; CONVENÇÃO AMERICANA DE DIREITOS HUMANOS, Art. 13, § 5º) – A PROTEÇÃO CONSTITUCIONAL À LIBERDADE DE PENSAMENTO COMO SALVAGUARDA NÃO APENAS DAS IDEIAS E PROPOSTAS PREVALECENTES NO ÂMBITO SOCIAL, MAS, SOBRETUDO, COMO AMPARO EFICIENTE ÀS POSIÇÕES QUE DIVERGEM, AINDA QUE RADICALMENTE, DAS CONCEPÇÕES PREDOMINANTES EM DADO MOMENTO HISTÓRICO-CULTURAL, NO ÂMBITO DAS FORMAÇÕES SOCIAIS – O PRINCÍPIO MAJORITÁRIO, QUE DESEMPENHA IMPORTANTE PAPEL NO PROCESSO DECISÓRIO, NÃO PODE LEGITIMAR A SUPRESSÃO, A FRUSTRAÇÃO OU A ANIQUILAÇÃO DE DIREITOS FUNDAMENTAIS, COMO O LIVRE EXERCÍCIO DO DIREITO DE REUNIÃO E A PRÁTICA LEGÍTIMA DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO, SOB PENA DE COMPROMETIMENTO DA CONCEPÇÃO MATERIAL DE DEMOCRACIA CONSTITUCIONAL – A FUNÇÃO CONTRAMAJORITÁRIA DA JURISDIÇÃO CONSTITUCIONAL NO ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO – INADMISSIBILIDADE DA ‘PROIBIÇÃO ESTATAL DO DISSENSO’ – NECESSÁRIO RESPEITO AO DISCURSO ANTAGÔNICO NO CONTEXTO DA SOCIEDADE CIVIL,

RHC 146303 / RJ

COMPREENDIDA COMO ESPAÇO PRIVILEGIADO QUE DEVE VALORIZAR O CONCEITO DE ‘LIVRE MERCADO DE IDEIAS’ – O SENTIDO DA EXISTÊNCIA DO ‘FREE MARKETPLACE OF IDEAS’ COMO ELEMENTO FUNDAMENTAL E INERENTE AO REGIME DEMOCRÁTICO (AC 2.695-MC/RS, REL. MIN. CELSO DE MELLO) – A IMPORTÂNCIA DO CONTEÚDO ARGUMENTATIVO DO DISCURSO FUNDADO EM CONVICÇÕES DIVERGENTES – A LIVRE CIRCULAÇÃO DE IDEIAS COMO SIGNO IDENTIFICADOR DAS SOCIEDADES ABERTAS, CUJA NATUREZA NÃO SE REVELA COMPATÍVEL COM A REPRESSÃO AO DISSENSO E ESTIMULA A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS DE LIBERDADE EM OBSÉQUIO AO SENTIDO DEMOCRÁTICO QUE ANIMA AS INSTITUIÇÕES DA REPÚBLICA (...).”

(ADPF 187/DF, Rel. Min. CELSO DE MELLO, Pleno)

*Vê-se, portanto, que o direito ao dissenso, ainda que se revele no plano sensível e delicado das convicções de caráter religioso – desde que não resvale, abusivamente, quanto ao seu exercício, para o campo do direito penal, vindo a concretizar, *p. ex.*, em virtude de conduta desviante, qualquer dos delitos contra a honra (calúnia, difamação ou injúria) –, encontra suporte legitimador em nosso ordenamento jurídico, mesmo que *de sua prática possam resultar* posições, opiniões ou ideias que não reflitam o pensamento *eventualmente prevalecente* em dado meio social ou que, *até mesmo*, hostilizem severamente, por efeito de seu conteúdo argumentativo, a corrente majoritária de pensamento em determinada coletividade.*

*Memoráveis, por isso mesmo, as palavras do Justice OLIVER WENDELL HOLMES, JR. (que foi Juiz da Suprema Corte dos EUA), no caso “*United States v. Rosika Schwimmer*” (279 U.S. 644), proferidas, em 1929, em notável e histórico *voto vencido* (hoje qualificado como uma “*powerful dissenting opinion*”), então inteiramente acompanhado pelo Juiz*

RHC 146303 / RJ

Louis Brandeis, **nas quais** HOLMES deixou positivado um “dictum” imorredouro **fundado** na Primeira Emenda à Constituição dos Estados Unidos da América, **que reproduzo**, a seguir, em livre tradução:

“(...) but IF there is any principle of the Constitution that more imperatively calls for attachment than any other it is the principle of free thought – not free thought for those who agree with us BUT freedom for the thought that we hate.” (“mas, se há algum princípio da Constituição que deva ser imperiosamente observado, mais do que qualquer outro, é o princípio que consagra a liberdade de expressão do pensamento, mas não a liberdade do pensamento apenas em favor daqueles que concordam conosco, mas, sim, a liberdade do pensamento que nós próprios odiamos e repudiamos.”) (grifei)

Trata-se de fragmento histórico e retoricamente poderoso **que bem define** o verdadeiro sentido da proteção constitucional à liberdade de manifestação do pensamento: **garantir não apenas o direito daqueles que pensam como nós, mas, igualmente, proteger o direito dos que sustentam ideias que odiamos, abominamos e, até mesmo, repudiamos!**

O pluralismo (que legitima a livre circulação de ideias e que, por isso mesmo, estimula a prática da tolerância) **exprime**, por tal razão, **um dos fundamentos estruturantes** do Estado Democrático de Direito! **É o que expressamente proclama**, em seu art. 1º, inciso V, a própria Constituição da República.

Impende advertir, desde logo, **que a incitação ao ódio público** contra outras denominações religiosas e seus seguidores **não está protegida** pela cláusula constitucional que assegura a liberdade de expressão.

É que pronunciamentos, como os de que trata este processo, **que extravasam** os limites da prática confessional, **degradando-se** ao nível primário do insulto, da ofensa e, sobretudo, **do estímulo à intolerância e ao ódio público** contra fiéis de outras denominações religiosas, não merecem

RHC 146303 / RJ

a dignidade da proteção constitucional que assegura a liberdade de expressão do pensamento, **que não pode compreender**, em seu âmbito de tutela, manifestações **revestidas** de ilicitude penal.

Isso significa, portanto, **que a prerrogativa** concernente à liberdade de manifestação do pensamento, por mais abrangente **que deva ser** o seu campo de incidência, **não constitui** meio que possa legitimar a exteriorização de propósitos criminosos, **especialmente** quando as expressões de ódio público a outras denominações confessionais – **veiculadas com evidente superação** dos limites da pregação religiosa – **transgridem**, de modo inaceitável, valores tutelados **pela própria ordem constitucional**.

Esta Suprema Corte, **por mais de uma vez**, **ao pronunciar-se** sobre a **extensão** dos direitos e garantias individuais, **fez consignar** a seguinte advertência, **que cumpre ser relembrada**:

*“**Não há, no sistema constitucional brasileiro, direitos ou garantias que se revistam de caráter absoluto**, mesmo porque razões de **relevante interesse público** **ou** exigências derivadas do princípio de convivência das liberdades **legitimam**, ainda que **excepcionalmente**, a adoção, por parte dos órgãos estatais, de medidas restritivas das prerrogativas individuais ou coletivas, **desde que respeitados** os termos estabelecidos pela **própria Constituição**.”*

***O estatuto constitucional das liberdades públicas**, ao delinear o regime jurídico a que estas estão sujeitas – e considerado o **substrato ético** que as informa –, **permite** que sobre elas **incidam** limitações de ordem jurídica, **destinadas**, de um lado, a **proteger a integridade do interesse social** e, de outro, a **assegurar a coexistência harmoniosa das liberdades**, pois **nenhum direito ou garantia** pode ser exercido **em detrimento** da ordem pública **ou com desrespeito** aos direitos e garantias de terceiros.”*

(**RTJ** 173/805-810, **807-808**, Rel. Min. CELSO DE MELLO, **Pleno**)

RHC 146303 / RJ

O estatuto constitucional das liberdades públicas, bem por isso, ao delinear o regime jurídico a que elas estão sujeitas – e considerado o substrato ético que as informa –, permite que sobre tais prerrogativas incidam limitações de ordem jurídica destinadas, de um lado, a proteger a integridade do interesse social e, de outro, a assegurar a coexistência harmoniosa das liberdades, pois nenhum direito ou garantia pode ser exercido em detrimento da ordem pública ou com desrespeito aos direitos e garantias de terceiros, ainda que integrantes de grupos minoritários.

Cabe referir, por oportuno, julgamento emanado da Suprema Corte dos Estados Unidos da América, proferido em 07/04/2003, no exame do caso *Virginia v. Black et al.*, quando essa Alta Corte concluiu que não é incompatível com a Primeira Emenda (que protege a liberdade de expressão naquele país) a lei penal que pune, como delito, o ato de queimar uma cruz (“*cross burning*”) com a intenção de intimidar, eis que o gesto de queimar uma cruz, com tal intuito, representa, no meio social em que praticado, um iniludível símbolo de ódio destinado a transmitir àqueles a quem se dirige tal mensagem o propósito criminoso de ameaçar.

Em tal julgamento, a Suprema Corte dos Estados Unidos da América – cuja jurisprudência em torno da Primeira Emenda orienta-se no sentido de reconhecer, quase incondicionalmente, a prevalência da liberdade de expressão (adotando, por isso mesmo, o critério da “preferred position”) – proclamou, não obstante, que essa proteção constitucional não é absoluta, sendo lícito ao Estado punir certas manifestações do pensamento cujas exteriorização traduza comportamentos que veiculem propósitos criminosos.

Vale rememorar, na linha do caráter não absoluto da liberdade de palavra, a incisiva advertência do Juiz OLIVER WENDELL HOLMES, JR., constante de voto memorável, em 1919, no julgamento do caso Schenck

RHC 146303 / RJ

v. *United States* (249 U.S. 47, 52), **quando**, ao pronunciar-se sobre a natureza relativa da liberdade de expressão, **tal como protegida pela Primeira Emenda** à Constituição dos Estados Unidos da América, **acentuou** que “A mais rígida proteção da liberdade de palavra **não protegeria** um homem **que falsamente gritasse fogo num teatro** e, assim, causasse pânico”, **concluindo**, com absoluta exatidão, que “a questão em cada caso é saber se as palavras foram usadas em tais circunstâncias e são de tal natureza que envolvem perigo evidente e atual (*‘clear and present danger’*) de se produzirem os males gravíssimos que o Congresso tem o direito de prevenir. É uma questão de proximidade e grau”.

É **inquestionável** que o exercício concreto da liberdade de expressão **pode fazer instaurar situações de tensão dialética** entre valores essenciais **igualmente** protegidos pelo ordenamento constitucional, **dando causa** ao surgimento de verdadeiro estado de colisão de direitos, **caracterizado pelo confronto** de liberdades revestidas de **idêntica** estatura jurídica, **a reclamar** solução, **tal seja o contexto em que se delineie**, **que torne possível** conferir primazia **a uma** das prerrogativas básicas, **em relação de antagonismo** com determinado interesse fundado em cláusula inscrita na própria Constituição.

O caso ora exposto na presente sede recursal, **contudo, não traduz**, a meu juízo, a **ocorrência de situação de conflituosidade** entre direitos básicos **titularizados** por sujeitos diversos.

Com efeito, **há**, na espécie, norma constitucional **que objetiva fazer preservar, no processo de livre expressão do pensamento, a incolumidade** dos direitos da personalidade, **como a essencial dignidade** da pessoa humana, **buscando inibir**, desse modo, **comportamentos abusivos** que possam, **impulsionados por motivações subalternas, disseminar, criminosamente, em exercício explícito de inadmissível intolerância, o ódio público contra outras pessoas em razão de sua fé religiosa, mesmo porque a incitação** – que constitui **um dos núcleos** do tipo penal – **reveste-se de caráter proteiforme, dada a multiplicidade de formas executivas** que esse

RHC 146303 / RJ

comportamento **pode** assumir, **concretizando**, *assim*, **qualquer** que tenha sido o meio empregado, **a prática inaceitável** do delito **tipificado** no art. 20 da Lei nº 7.716/89.

O fato irrecusável, no tema ora em exame, Senhor Presidente, *é um só*: **o abuso** no exercício da liberdade de expressão **não pode** ser tolerado. Ao contrário, **deve** ser reprimido e neutralizado.

Presente esse contexto, cabe reconhecer que os postulados da igualdade e da dignidade pessoal dos seres humanos **constituem limitações externas** à liberdade de expressão, **que não pode, e não deve, ser exercida com o propósito subalterno de veicular práticas criminosas tendentes a fomentar e a estimular situações de intolerância e de ódio público**.

Concluo o meu voto, Senhor Presidente. **E, ao fazê-lo, não posso aceitar** a tese exposta no presente recurso ordinário, **especialmente se se considerar** o precedente **firmado** por esta Corte no julgamento **do HC 82.424/RS** (caso *Ellwanger*), **pois admitir** a pretensão recursal em causa **significaria tornar perigosamente menos intensa e socialmente mais frágil** a proteção que o ordenamento jurídico **dispensa**, *no plano nacional e internacional*, **aos grupos religiosos, minoritários ou não, notadamente** àqueles que se expõem **a uma situação de maior vulnerabilidade**.

Este julgamento, segundo penso, **mostra-se impregnado** de alto valor emblemático, **pois nele está em debate, uma vez mais, o permanente** conflito *entre civilização e barbárie*, **cabendo** ao Supremo Tribunal Federal **fazer prevalecer**, em toda a sua grandeza, a **essencial e inconspicável** dignidade das pessoas, **em solene reconhecimento** de que, **acima** da estupidez humana, **acima** da insensibilidade moral, **acima** das distorções ideológicas, **acima** das pulsões irracionais **e acima** da degradação torpe dos valores que estruturam a ordem democrática, **deverão sempre preponderar** os princípios **que exaltam e reafirmam** a superioridade ética dos direitos humanos, **cuja integridade será preservada, aqui e agora, em**

RHC 146303 / RJ

prol de todos os cidadãos **e em respeito** à fé religiosa de cada pessoa **que vive sob a égide** dos postulados **que informam o próprio conceito de República**.

Sendo assim, em face das razões expostas, **e pedindo respeitosa vênia** ao eminente Ministro Relator, **acompanho o dissenso** iniciado pelo eminente Ministro DIAS TOFFOLI, **para**, em consequência, **negar provimento** ao presente recurso ordinário, **mantendo** os acórdãos **proferidos tanto** pelo E. Superior Tribunal de Justiça **quanto** pelo E. Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro.

É o meu voto.